

# A BATALHA

Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERARIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias  
 Administrador: Domingos Afonso Ribeiro  
 Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL  
 Séde provisória:  
 Calçada Castelo Branco Saraiva, 42  
 Oficinas: Rua da Atalaia, 114  
 Toda a correspondência para o APARTADO N.º 329 — Lisboa  
 Número avulso \$30

## PORQUE NÃO SÃO FRANCOS?

Ocupámo-nos já de mais uma tentativa divisionista no seio do proletariado português, mas não será demais voltarmos ao assunto, porque é bem o merece.

Não é que queiramos fazer polémica, se bem que esta, quando é conduzida entre contendores de boa fé, só utilidade possa trazer como obra de esclarecimento.

Mas não podemos deixar no vácuo a frase: «actuar para servir a classe trabalhadora».

Já o dissemos: na realidade o que se pretende, por parte de todos os divisionistas dos dois sectores marxistas, é conquistar a classe operária para esta servir qualquer dos dois partidos.

Há muito que está demonstrado que os partidos só trazem o enfraquecimento da classe operária.

Com efeito, nós não compreendemos como se queira a emancipação do proletariado, como classe, e ao mesmo tempo se pretenda dividí-lo com as tendências partidárias.

Sabemos muito bem que qualquer dos partidos deseja no seu seio o grosso da massa trabalhadora, posto que, assim, cada um dêles, supõe poder instituir uma fórmula social apoiada nessa massa do proletariado.

Mas uma coisa é essa fórmula social, inevitável e, por natureza própria, dogmática, em que venha a apoiar-se uma nova forma de Estado, que, como tal, será tanto conservador como opressor e outra coisa é a emancipação dos trabalhadores realizada pelo seu próprio esforço, tendo em vista a liberdade e o bem estar geral.

Se em verdade se quer «servir a classe operária» não se lhe deve apontar a porta dum partido cuja acção e objectivos são iminentemente governamentais. Servir a classe operária é apontar-lhe o caminho da libertação moral e política e o caminho da emancipação económica.

Modalidades estatais em que figure a predominar o capitalismo escravizador e truculento, seja sob o aspecto explorador burguês e individualista, seja sob o aspecto não menos explorador do capitalismo de Estado — tais modalidades não resolvem em coisa alguma o problema da emancipação do proletariado.

Conservam-no. E não nos parece que a manutenção da exploração do homem pelo homem, seja sob que aspecto for, tenha alguma coisa

que ver com a emancipação dos trabalhadores.

«Servir a classe trabalhadora» não é, e nunca será, ladear os problemas máximos e principais que interessam o proletariado, deixando-os sem solução ou modifícan-do-lhes apenas o aspecto.

Servir a classe operária é abrir-lhe clareiras de luz, para que ela veja claramente todos os horrores da sua situação, e adquirá-la própria, a noção exacta do imenso, do formidável trabalho que tem de realizar para conquistar o seu bem estar e a sua liberdade.

Tudo que não seja isto, pode ser o que qualquer partido entenda segundo o seu programa governamental; mas nesse caso o interesse do partido é colocado acima do interesse do proletariado: a classe trabalhadora servirá só para o auxiliar na conquista do poder e isto é a antítese do que os scissionistas apregoam para levarem a água ao seu moíño.

Mas porque será que, ao menos uma vez na vida, não são precisos, francos, categóricos, estes partidos?...

### CURIOSO

#### A FRENTE ÚNICA MILITARISTA GERMANO-RUSSA

Segundo os «Reichstag-Verhandlungen» oficiais (sessão de 22 de Maio de 1930) foi feita a seguinte comunicação no Reichstag, pelo deputado social-democrata Kennstler: «Os deputados burgueses queixaram-se de que um número avultado de oficiais russos participem nas manobras militares alemãs. Sabe-se, nos lugares bem informados que o comandante da «Reichswehr», Heim, foi a Moscovo, depois da visita do general von Hammerstein. Teria ali tomado parte numa ceia oficial à qual teriam assistido, juntos com outros oficiais superiores do exército vermelho, Woroshiloff (ministro da guerra) e —embora hóspede de honra— Max Hoels, condecorado com a ordem da Bandeira Vermelha.

Nenhum desmentido foi publicado a este respeito e, por isso, a sua exactidão não pode ser posta em dúvida.

A esta declaração não responde o ministro da Reichswehr com a clareza exigida, tendo rodeado o assunto e declarado que tal comunicação denotava irresponsabilidade do deputado que a fez, tanto mais pertencendo a um agrupamento político, recentemente, ainda, governo.

#### A ordem reina

O exército mandchu apoderou-se de Nankim, fazendo ali reinar a ordem. Carrascos e guardas temido muito que fazer.

Nas Indias, em Janvel, perto de Bombaim, houve um motim. Resultado quinze mortes. No Chile, no Brasil, na Bolívia, na Argentina, no Perú e em Cuba tentativas, com e sem sucesso, de substituição duns governantes por outros.

## A VITÓRIA DO TRABALHO



### PARADOXOS

#### Educação física

Em Portugal também se pensa e se insiste no agrupamento da juventude, com o letramento exterior dum a educação física, conveniente ao robustecimento da raça — expressão sem correspondente na realidade, como se por si só, encerrasse uma verdade absoluta.

O que se pretende com esse agrupamento? Na Rússia e na Itália, os respectivos governos aproveitaram a mocidade das escolas para os seus fins políticos. Num, os pioneiros são a guarda avançada dum povo a caminho dum uniformização enervante.

Sob um jardineiro em todos igual, marchando atrás de toques que entusiasmam e fazem esquecer a personalidade, os rapazes vão sofrendo deformação mental, pelas sistemáticas prédicas, regras morais e prescrições, que criam a obediência em prejuízo da iniciativa, do auto-raciocínio e do pronto discernir, quando em frente do desconhecido. Desaparecem, como se verifica, as qualidades mais importantes e necessárias ao desenvolvimento individual. O indivíduo — quando tenha por detrás regras, imposições disciplinares e talas na inteligência e na razão — terá de consultar nos actos menos importantes da sua vida, o código, para pezar as opiniões, controlar os seus desejos e reprimir as manifestações da sua inteligência.

Estes inconvenientes são tanto mais fortes quanto mais fechado é o agrupamento e mais este está sob o domínio do Estado. Por isso na Rússia e na Itália, a mocidade sofre a maior deformação, a mais penosa e angustiante deformação, dos seus sentimentos, das suas ideias sobre a vida e sobre as coisas.

Em Portugal, não estão os jovens tão ameaçados. A mocidade conserva certas possibilidades de vida fora das influências dessas instituições daninhas. Viciada, é certo, por todos os preceitos morais e religiosos que a família lhe incute, tem contudo a possibilidade de não matar essas influências pelo menos atenuar os seus efeitos, porque o convívio estabelecido entre si — e como são várias as influências familiares — permite um controlo. Daí o desaparecimento ou atenuação dessas influências, porque — é bom acentuá-lo — é mais forte a influência, do convívio com camaradas da mesma idade, pela corrente de simpatia que existe, do que a exercida pelo convívio com a família, onde o desencontro das idades, a existência de barreiras, pela diferença de sentimentos e de formas de encarar a vida, impedem a existência de tais correntes de simpatia.

Em todo o caso os conservadores e os reactionários veem lançando a rede, pretendendo apanhar um núcleo de rapaziada, com a isca da educação física e da necessidade de revigorar a raça.

No fundo, porém, elas, apenas, pretendem deformar e cortomper a mocidade. Pretendem moldá-la pelos preceitos dum moral velha e rançosa e por regras religiosas. Isto é: desenvolvem os músculos, tornando disformes, retorcidos os sentimentos e a inteligência. Torna os homens fortes de corpo e raquíticos de inteligência, assemelhando-os ao monstro de pé de barro, que sendo de ouro se quebrou nos desfiladeiros da montanha, por que os pés, sendo de barro, se desfizeram e precipitaram o monstro.

Mas é isso o que convém à sociedade capitalista, embora muitos queiram que o homem inteligente e de iniciativa tem um valor muito superior.

O. de Carne

## UM PROBLEMA INTERESSANTE

# A Cultura Superior do Operariado

Em face do elevado progresso a que se chegou, em diferentes ramos da ciéncia, e da complexidade, cada vez mais vasta, da actual civilização, não podemos deixar de convir que a cultura intelectual, é uma das armas mais fortes para vencer, seja em que campo fôr.

Nós, que labutamos, num esforço constante, pelo triunfo da verdade e da justiça, muito mais precisaremos dessa cultura intelectual, porque os nossos adversários, para oprimirem e explorarem o próximo, estão precisamente fundamentados num direito, embora violento e moral, que uma cultura muitas vezes milenária apoia.

Para destruir esse direito iníquo é preciso a força do número, a união da massa num designio comum, mas também é preciso a força da inteligência, do saber, da razão científica, se não de todos os que sofrem a iniquidade, ao menos dumha élite que possa cabalmente desempenhar o seu papel histórico, servindo de habil guia no caminho do ideal.

Precisámos, pois, de adquirir uma elevada cultura, ou uma cultura geral suficientemente profunda e extensa, que possa tornar mais proficia, mais consistente a nossa acção actual e que, ao mesmo tempo, constitua um firme alicerce para uma obra futura mais vasta. Seria trabalho para valer no presente e para se reproduzir fecundamente nos anos que hão-de vir.

Mas, como adquirir o operariado essa cultura? Dá-lhe a actual sociedade meios de o conseguir? E' evidente que não, pelo menos no que respeita a Portugal.

No estrangeiro, em certos países que caminham à frente da civilização, desta civilização avariada, em que há mais de mau que de bom, já se iniciou, há muito, a cultura superior das classes proletárias, instituindo escolas e universidades oficiais ou criando

centros particulares de preparação intelectual post-escolar.

Compreendeu-se, que, embora essa instrução superior valoriza-se, como força revolucionária, a massa trabalhadora, concorreria, simultâniamente, para tornar mais inteligentes os movimentos reivindicadores, o que daria em resultado, menor emprego da violéncia desumana, benificiando, debaixo do ponto de vista moral, o ambiente em que labuta o conjunto dos seres racionais.

Compreendeu-se isso, e talvez se não compreendesse. O que é certo é que, fosse pelo que fosse, se enveredou pelo caminho de facultar aos operários uma instrução mais completa, uma educação intelectual mais vasta, em todos os ramos da sabedoria.

Mas aqui nada ainda se comprehendeu dessa razão, nem o progresso nos fez chegar à hora fatal em que esse empreendimento tivesse de ser posto em prática. Não admira. Aqui anda-se sempre na rectaguarda de tudo e, o que é pior ainda, faz-se gála desse atraso e procura-se mantê-lo com todas as ganas.

A instrução superior só é destinada aos ricos, aos privilegiados de berço ou de prática ocasional. Só os ricos, ou os remedados, ou mesmo uns certos meninos bonitos do funcionalismo, uns tantos protegidos da generosidade pública e particular, tem a faculdade de subir aos cumes da ciéncia ou de transitar pelos campos da alta sabedoria.

As classes trabalhadoras, são consideradas como não tendo necessidades intelectuais. Para elas, apenas, o esforço rude e a ignorância.

E' certo que existe, entre nós, a Universidade Popular, que algum beneficio, no asunto em questão, tem espalhado. Mas que consistência e vastidão de saber podem de

rivar de simples conferências, embora eloquentes?

Temos também a «Universidade Livre», mas este centro de estudos está reduzido a pouco mais do que um curso comercial, e pela sua organização, não pode satisfazer plenamente as necessidades culturais do operariado.

Que fazer então? Cruzar os braços, fechar os olhos, e deixar correr as coisas tal como vão? O operariado, não deveria antes, já que as entidades oficiais se esquecem do assunto, facilitando a instrução para uns e dificultando-a para outros, iniciar a fundação dum instituto superior, a que poderia chamar-se Universidade Operária, e onde colheria a cultura geral metodica e elevada que falta nas élites dos seus quadros activos?

Eis o que me parece digno de merecer as atenções do operariado português, das suas organizações de classe.

M. O.

## DE VENDAS NOVAS

### O horário de trabalho nos Empregados no Comércio e nos Corticeiros

VENDAS NOVAS, 10. — Vendas Novas não pode fugir ao grande incremento que a organização vai tomando e a provar o que digo, basta olhar para o que se está passando com os empregados no comércio, que de uma forma energica e alta conseguiram que os patrões respeitassem a lei que establece em Portugal as 8 horas de trabalho. Escusado será dizer que os honrados comerciantes não gostaram. E daí o terem emburrado com alguns dos camaradas que mais se têm manifestado e trabalhado para que a lei se cumpra. Um cavaleiro qualquer, muito conhecido pelas suas ideias liberais, teve a audácia de dizer, para um empregado, que eles vão alcançando tudo quanto querem. Que só lhes falta pegar num chicote e com ele ferir os patrões. E' bom que os camaradas dos empregados no comércio não percam o entusiasmo que têm mostrado e que consigam incutir a camaradas doutras classes mais entusiasmo, indicando o caminho que devem seguir.

— Pelos corticeiros a situação é, francamente, má. Em algumas fábricas os operários estão trabalhando mais que as 8 horas. Isto não está certo. Há muitos camaradas sem trabalho e, quando seja respeitado o horário de trabalho, poder-se-hão colocar mais alguns.

Os industriais andam muito zangados com o fiscal das cortiças por que este não fiscaliza de modo a agradar-lhes. Esperaremos os resultados disso. — (C.).

## Os transfugas das ideias

Despertad de Vigo publicava num dos seus últimos números, um curioso artigo de Fernando Claro. Por ele se verifica não ser, apenas, em Portugal que se registam fugas de anarquistas para outros campos de actividade. Em Espanha também existem exemplares dessa fauna social. O artigo foca, ainda, um problema que merece mais cuidadosa atenção: o valor moral das ideias e as condições éticas que cria.

Segue o artigo:

«Existe uma classe de indivíduos que mudam de ideais com a mesma facilidade com que mudam de camisa. Para esta gente, as ideias são como um traje da moda, qualquer coisa que não faz parte do indivíduo, nem é inerente ao seu temperamento e idiosincrasia. Daí que com tanta facilidade se adopte aquela posição, ou melhor, aquela postura ideal que mais se acomode com os seus interesses pessoais. Esta classe de transfugas são uma praga, uma desmoralização constante para os ideais que costumam abraçar, aos quais desmoralizam e corrompem, se já não o estão.

Geralmente, estes actores de falsa democracia costumam primeiro ser furibundos revolucionários. Quando observam que a situação é um pouco perigosa ou comprometedora, começam a descer na escala social até terminar no fundo do pestilente lodacal da política mais ou menos de índole proletária,

Poderia citar uma multidão de transfugas e charlatães que nos seus princípios foram furibundos anarquistas. Depois, a barriga, os mesquinhos interesses criados fizeram-lhes mudar de rota, virar o leme à nau das suas ambições, aprofando para mares mais tranquilos, menos bôrrascos, onde o movimento, a maresia furiosa se converte em suaves ondulações; a embarcação desliza plácida e serena e a vida nela se torna num remanso, onde se possa descansar tranquilamente o resto da vida.

Nunca pude convencer-me, nem creio que haverá quem me convença, de que o indivíduo que chegou às alturas morais e filosóficas do ideal anarquista, que chegou a com

na mudança tenham influído razões egoistas e fins particulares.

Portanto todo o apóstata do anarquismo que se acolhe a qualquer partido político, não é senão um interesseiro que procura na nova posição melhor ambiente para os novos fins que pretende, — fins nunca elevados —, ou mais tranquilidade e expansão, para se emancipar materialmente, quase sempre à custa dos próprios trabalhadores.

Que não nos venham com a velha cantilena de que querem conquistar o poder político, para depois servir o povo, porque na realidade toda esta gente, que se afasta do único caminho por onde o povo pode chegar à sua redenção, que é o anarquismo, não é ao povo a quem querem servir, mas aos seus próprios interesses. Se verdadeiramente desejassem lutar pela emancipação integral do proletariado, não teriam desertado, fugido, atraído o verdadeiro ideal.

Explique-se perfeitamente que um homem por educação religiosa ou reaccionária, por seu nascimento, estirpe, posição social, etc. Comece gradualmente o progresso das ideias, passando por toda a gama dos seus matizes e terminando nas ideias mais avançadas, mais modernas que a mente do homem tenha chegado a conceber. Isso sucede a muitos pensadores e sociólogos, filósofos e artistas, entre eles Firmino Salvochea, Eliseu e Elias Reclus, e outros mais que agora não recordo nem é necessário citar. O que não se explica, nem pode explicar-se lógicamente é que um homem evolucione à maneira dos caranguejos: sempre para trás.

Quere dizer, explicação tem-na, e muito clara, ainda que alguns não a queiram ver: a de salva guardar os seus interesses, pondo-os por cima dos interesses gerais e servindo, se é preciso de cataplasma, de banho de água morna, com o fim de anestesiá, acalmar o entusiasmo, o optimismo e as ânsias da justiça e liberdade do povo.

Estas, e não outras, são na maior parte dos casos, as causas por que esta gente muda tanto a decoração do cenário em que representam a farça. Todos querem ser primeiros actores, jovens galãs, directores de cena. E o povo? Sempre a fazer de comparsa!

Fernando Claro

## Verdades sobre o momento

Nunca, como agora, esteve ameaçada a Liberdade dos trabalhadores; nunca como agora, foi tão necessário para os trabalhadores, unir fileiras, trabalhar, denodadamente, nela sua Emancipação.

O problema social, neste momento, precisa de ser olhado com ponderação por todos aqueles que estão, nobremente, empenhados em concorrer para o ressurgimento da Humanidade no seu esplendor próprio e na sua rota verdadeira.

A missão dos Apóstolos de sãs doutrinas é uma só: Orientar as multidões, inculcar-lhes na mente o dever imprescindível de se batem pela sua emancipação, de doutrinar e elucidar, segundo as normas fundamentais da razão e da verdade. E já mais o seu sacrifício será demasiado, atendendo não ser pequeno o número dos que se mantêm numa atitude de êrro e de inconsciência tremenda. A maior parte dos operários, esquecem as suas obrigações, afastando-se, inconscientemente, do seu verdadeiro caminho para se emaranharem em coisas absurdas e inconcebíveis.

Tenhamos em vista o foot-ball que, com as suas consequências, por vezes bem graves e sérias, tem sido um dos factores principais para o injustificável desmantelamento da educação social dos trabalhadores. É realmente uma prova flagrante, por quanto assistimos hora a hora, dia a dia, ao caminhar da mocidade operária para o campo de indiferenças e desalentos, agravando a realização do pensamento na Liberdade, precisamente nesta hora em que a Humanidade anseia por se libertar.

E' tempo, ainda, de dar rijo combate a todas as coisas inimigas da Luz e da Libe-

## Aos assinantes de "A Batalha"

**Pedimos a todos os nossos estimáveis assinantes para nos prevenirem, urgentemente, de qualquer irregularidade nos seus endereços a fim de se evitarem lapsos no envio do jornal e na cobrança dos 10 números que brevemente vamos fazer.**

dade, opondo uma barreira intransponível à semelhante de ilusões que acicata a mente das turmas inconscientes e ignorantes.

Nunca, como agora, esse trabalho se nos impõe.

A hora presente é das mais graves para os trabalhadores, hora que ameaça subverter tudo e todos numa derrocada fatal. É necessário que os trabalhadores se capacitem, duma vez para sempre, que devem afastar-se do contagio de ideias absurdas, que avassalam o pensamento e, mais, tolhem os passos para a Liberdade.

Porto.

Mário de Lemos

preendê-lo e a amá-lo, o renegue sem que

# Francisco Ferrer e a sua obra

Falarmos de Ferrer é falarmos da Escola Moderna—o seu apostolado intenso, que o levou à morte, premeditada pela reacção; é falarmos, ainda, dum período de fervorosa expansão do pensamento livre, do germinar das ideias de redenção humana, imprimindo ao conjunto social uma nova rota; é recordar-se um período de infiltração doutrinária, duma revolução do espírito e da libertação da Escola dos seculares dogmas e dos estúpidos convencionalismos.

Ao passar mais um ano sobre a trágica apoteose da vida de Ferrer, queremos, falando do seu esforço e da sua obra, mostrar quanto é capaz de conseguir uma iniciativa ligada a uma vontade firme, visando um grande ideal de emancipação; queremos frisar que a Escola Moderna não podia ter morrido e que aquela grande tentativa tinha de prosseguir para demonstrar aos timoratos e descrentes que a iniciativa dos idealistas pode conduzir-nos a grandes realizações.

Mas é necessário que o grande exemplo de Ferrer, a sua grande obra não fique servindo às gerações que vão passando sómente para dar ao nosso sentimentalismo uma comoção, lamentando uma morte execravelmente levada à prática, sob um pretexto infame. É, sobretudo, preciso que essa obra se torne imorredizível pela continuidade que lhe devemos; é preciso, sobretudo, que interessemos os professores de hoje, os que possuem uma intelectualidade já formada, para que se lancem nessa obra que a todos interessa e que é imprescindível fazer.

Deixai os descrentes ou os ultra-realizadores de transformações sociais que confiam num mito de força prodigiosa, e iniciai actividades para a libertação da Escola.

Para darmos a ideia da decisão que presidiu à actividade da Escola Moderna, vamos transcrever o prefácio que Francisco Ferrer escreveu para o segundo livro de leitura: *Origem do Cristianismo*:

«A antiga pedagogia, a que tinha por objecto positivo, ainda que não declarado, ensinar ao povo a utilidade do saber, afim de que, acomodando-se às privações materiais na vida, sonhasse compensações celestiais de felicidade inegualável ou temesse castigos eternos, podia substituir os livros de primeira leitura da infância com contos, anedotas, relatos de viagens, pedaços de literatura clássica, etc.

Nessa mistura do bom e do útil ia o erro; alcançava-se um fim social iníquo, posto que o único que arreigava na inteligência era a ideia mística, a que estabelece relações entre um ente sobrenatural e os homens por mediação dos seus sacerdotes, base fundamental da existência de privilegiados e de deserdados na sociedade, culpável de todas as injustiças que, segundo sua posição, sofrem e praticam os homens.

Entre muitos livros da classe indicada, afectados todos pelo mesmo mal, recordamos um que insere um discurso académico, maravilha de eloquência espanhola, destinado a exaltar a Bíblia, cuja síntese, entre galas insuperáveis de linguagem, é a bárbara sentença de Omar condenando ao fogo a Biblioteca de Alexandria: «No livro santo está a verdade única e absoluta: se todos esses livros são verdadeiros, sobram; se não o são, merecem o fogo».

A Escola Moderna que aspira a formar inteligências livres, responsáveis, aptas para viver no desenvolvimento total das faculdades humanas, fim exclusivo da vida, necessariamente havia de adoptar para o caso concreto da formação do seu livro de segunda leitura uma composição diferente, de acordo com o seu método de ensino, e a este

fim, ensinando verdades comprovadas, sem se desinteressar da luta entabulada entre a luz e as trevas, crê necessário apresentar um trabalho crítico que, com dados positivos e irrefutáveis, ilumine a inteligência do aluno, senão no período da infância, depois, quando homem já, quando intervenha no mecanismo social, e nele tropece com os erros, os convencionalismos, a hipocrisia e as infâmias que se ocultem sob o manto do misticismo.

Abona esta composição a circunstância importante de que os nossos livros não se dirigem exclusivamente à infância, senão que servem também para as escolas de adultos que por todas as partes se criam pela iniciativa da multidão de sociedades operárias, livre-pensadoras, cooperativas, re-creativas, círculo de estudos sociais e quantas agrupações progressivas e ilustradas existem e se formam, ansiosas de combater esse analfabetismo que sustenta a tradição e é naturalmente refratário ao progresso.

O presente extrato que, com o título de *Origem do Cristianismo*, formámos do livro *Sciéncia e Religião* de Malvert, onde os mitos, os dogmas e as cerimónias se apresentam no seu aspecto primitivo, umas vezes como símbolo exótico que oculta uma verdade para o iniciado e deixa ao ignorante um conselho, e outras como uma adaptação de crenças anteriores, impostas pela torpe rotina e conservadas pela malícia utilitária.

Firmes na nossa convicção, possuindo a prova da evidência de que o nosso propósito e o nosso trabalho é racional e útil, damo-lo ao público, desejando que dê todo o fruto que dê temos antevisto, restando-nos observar que algumas supressões necessárias para a infância, indicadas com pontos suspensivos, podem achá-las os homens na edição completa.

Este desassombro de exposição da verdade, esta resumida definição dos objectivos da Escola Moderna, postos assim no prefácio dum livro de ensino, que fez voltar contra si e contra a sua obra todos os conservadores da Espanha, chegando ao seu assassinato, deve fulgurar como estímulo para todos aqueles que mantêm os princípios que Ferrer, até ser varado pelas balas, manteve.

E. S.

## MARCO POSTAL

**Setúbal.** — J. R. Faisca. — Recebemos 10\$00 que pagaram as remessas do n.º 1 a 4 conforme vossa indicação. Obrigados.

**Porto.** — A. Gomes Paiva. — Recebemos a lista de assinantes de que fala e já estão recebendo o jornal.

**Viana do Castelo.** — Lúcia Ferreira. — Recebemos liquidação. Entendido.

**Caldas da Rainha.** — Francisco S. Ferreira. — Recemos 10\$00. Pagou até ao n.º 30.

**Matosinhos.** — Sind. C. Civil. — Podem distribuir as sobras como indicam. O resto entendido.

**Vila Nova de Gaia.** — F. A. Ximenes. — Agradecemos os novos assinantes e as indicações.

**Porto.** — F. Ferrão. — Agradecemos a nova lista de assinantes. Entendido.

**Aljustrel.** — Colaço Júnior. — Mande doutro género. O que recebemos não tem já oportunidade, e, mesmo, eles não merecem que os tomemos a sério.

**Alferrarede.** — Francisco Nóbrega Júnior. — Só agora conseguimos regularizar o pagamento da vossa assinatura. De futuro é necessário indicar o nome e a direcção a quem diz respeito a assinatura.

**Mario de Lemos.** — Recebemos carta com 3\$00 escudos, queira indicar a sua residência para registarmos o pagamento da assinatura.

**Ler e propagar "A Batalha" é o dever de todos os trabalhadores.**

## MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

# INFLUÊNCIA SOBRE O MOVIMENTO OPERÁRIO NA AMÉRICA

«Os reformistas desenvolvem a sua acção no sentido de secundar as manobras do imperialismo yanqui; os comunistas servem os interesses dos ditadores vermelhos»

Se o reformismo como movimento que representa na América a Federação do Trabalho, não conta grande simpatia entre as massas operárias organizadas, não se encontra em melhor situação o bolxevismo. Os efectivos do bolxevismo são consideravelmente mais reduzidos, mas representam pelo contrário um perigo muito maior, pela sua audácia e sobretudo pelo seu oportunismo, um oportunismo no pior sentido da palavra, empregando todos os recursos, para conquistar, somente, posições. Os últimos a chegar, compreenderam que a sua penetração na América, se realizaria sómente à custa do enfraquecimento dos sectores adversários. Lancaram-se sobre a América como verdadeiros conquistadores pretendendo entrar de cabeça em todas as organizações, e, finalmente, depois dum série de fracassos, adoptaram um plano de acção calculado e perigoso.

Se os reformistas desenvolvem a sua acção com vistas a secundar as manobras do imperialismo yanqui, os comunistas servem os interesses dos ditadores vermelhos. Aspectos distintos, mas no fundo a mesma dependência do Estado, nos dois sectores do marxismo. A comissariocracia russa é quem paga as despesas a que obriga a tentativa de criar na América uma base sindical que sirva os seus propósitos dominadores. A referida base foi criada em Montevideu debaixo da denominação de Sindical Latino Americano.

Fracassados os seus primeiros intentos, apoderar-se do movimento sindical, sobretudo naqueles países em que existe como força efectiva, puzeram em jogo a nova táctica do movimento operário próprio. Mas como quer que continentalmente careçam de efectivos, deram-se à tarefa de dividir os movimentos existentes, sobretudo os de carácter reformista, já que as organizações revolucionárias lhes cerraram as suas portas desde o instante em que lhes descontinaram os seus intentos.

Ainda mesmo isso não lhes deu os resultados desejados.

Qualquer pessoa que leia as publicações comunistas que aparecem no continente americano, pensará que o bolxevismo conta na América com uma força grandiosa. Na revista que aparece em Montevideu como órgão da Sindical Latino Americana, fala em 800.000 aderentes. Em *La Internacional*, de Buenos Aires agita-se o chocalho de grandes greves patrocinadas e orientadas pelo partido comunista. Através das publicações que editam no México se deduziria que aquele país também contam com uma força de oposição considerável, e se lemos as crónicas continentais dos diversos países, que se publicam no *El Trabajador Latino Americano*, veremos por todos os lados «grandiosas» manifestações comunistas com milhares e milhares de trabalhadores, que dão vivas à ditadura do proletariado. Naturalmente, tudo isto é pura fantasia. O comunismo «esgrime o bluff como argumento impressionista. As famosas delegações que concorreram à conferência comunista de Montevideu em representações dos fortes organismos nacionais, eram representações individuais ou de pequenos grupos sem influência entre os trabalhadores.

O exame da forma como foram improvisadas algumas dessas delegações, bastaria para demonstrar plenamente o bluff dos 800.000 aderentes.

Alguns dos recursos sistemáticos empregados pelo bolxevismo, é o descredito dos sectores adversários. A mesma tática que se emprega na Rússia para condenar sem apelação os verdadeiros revolucionários, que não simpatizam com a ditadura do proletariado, foi trasladada àquelas paragens: os «traidores», «contra-revolucionários», «agente do capitalismo», etc., vão inseparavelmente unidos a todo o juizo formulado sobre os seus adversários. Toda a acção po-

pular que não seja por êles encabeçada, por brilhante que seja resultado obtido, será julgada e condenada como uma «entrega» feita ao capitalismo.

Os bolxevistas já compreenderam claramente que o grande obstáculo à sua penetração no seio dos organismos sindicais é constituído pelo anarquismo. Daí o terem escolhido justamente Montevideu como ponto estratégico para irradiar toda a sua acção sobre o continente sul. Montevideu é o único ponto da América onde contam com alguma força, devido a que os anarquistas do Uruguai não têm tomado a sério o papel que lhes compete no seio da organização operária. Fóra de alguns sindicatos que representam focos de resistência activa ao bolxevismo, o terreno é-lhes abandonado por falta dumha actividade energica e constante.

Mas as manobras de frente aos adversários em ideologia e tática a fim de debilitar o seu poder, não bastariam certamente para assegurar o êxito da gestão bolxevique. Por outro lado, a propaganda crua do marxismo provocaria lógica resistência pelo seu carácter autoritário, em países cujos habitantes ainda não perderam o sentido da liberdade. Daí uma modificação de linguagem, o uso de certa terminologia, na qual a palavra «camponês» é frequentemente empregada, sobretudo na propaganda que distribuem pelo continente. O subversivismo de que fazem gala, as constantes invocações contra o imperialismo norte-americano nos países que por sofrer os efeitos do poder yanqui, alimentam franca antipatia pelos Estados Unidos, dão-lhe certa vantagem e um possível ascendente futuro sobre as massas operárias da América.

Como se vê, o oportunismo é a base essencial da sua propaganda. Poderia o bolxevismo gozar da influência no futuro mercê desta simulação de propósitos, mas para isso teria que desarraigá os nucleos anarquistas desseminados pelo continente americano, e isto seria difícil.

Por agora carecem de força e influência. Numéricamente não representam nenhum factor de opinião no continente. Esta possibilidade pode unicamente desenvolver-se com a condição, como afirmámos, de cesar a raiz que desarriga os núcleos anarquistas, que contam, de resto, com um adversário perigoso: pela sua ausência total de moral na luta, e pelos recursos de que pode dispor.

Se no continente Norte, Estados Unidos e México, o reformismo se mantém na primeira linha, no continente Sul as forças operárias convergem para o anarquismo, cujo centro vital de expansão é a Argentina.

O bolxevismo, o ultimo a chegar, não poderá prosperar mais que na condição de abater estas duas influências centrais. Daí resulta que a sua manifestação rial de vida, seja a intriga, a difamação permanente e o bluff.

.....

**Recomendamos a todos os camaradas que tenham de tratar qualquer assunto com a administração e redacção de «A Batalha», que se dirijam em correspondência — quando doutro modo seja impossível — para o APARTADO N.º 329 — Lisboa. Também recomendamos que toda a correspondência, pedindo modificação nas remessas de jornais, deve estar aqui na antevéspera do dia da saída do jornal.**

## NO BARREIRO

## Os inconvenientes da laboração fabril dum potentado

A Companhia União Fabril, ou melhor, o sr. Alfredo da Silva, tem feito ouvidos de mercador aos indignados protestos da população barreirense. Nada o sensibiliza, todo ele é cimento armado! Sendo assim um indivíduo-bloco, não o demove a avisar que uma imensurável mole humana esteja condenada a uma morte lenta, devido aos estragos de um fatídico envenenamento...

Não quer atender aos enormes inconvenientes que resultam da laboração das suas fábricas. E o perigo é evidente.

A fabricação de gases sulfúricos provoca a viação do ar, indispensável ao organismo humano — resultando a intoxicação. O ácido azote, além da intoxicação, origina o aparecimento de várias doenças internas. O ácido clorídrico e, sobretudo, o sulfato de carbono e seus derivados extalados das muitas variedades, algumas das quais bem venenosas, dispersando gases que se insinuam na atmosfera, são perfeitamente nocivos à respiração. O arsenício, por exemplo, é um dos venenos. As concentrações de gases azotados produzem carbono e, portanto, torna-se evidente o empastamento do oxigénio e a inerente asfixia lenta dos órgãos pulmonares. As poeiras da fabricação de enxofre, britagem de metais, como o cobre, acarretam o debilitamento das células orgânicas dos seres humanos... e até dos irrationais...

Denunciado o perigo dos venenos expostos, ressalta à evidência que os 20.000 habitantes do Barreiro não podem, nem devem, estar sujeitos aos Alfrelos Silvas que lhes aparecem, aos potentados que lhes surjam a sombra da sua traiçoeira, da sua saude. O povo do Barreiro tem que fazer um esforço que vinha desassombradamente a sua repulsa pelo crime hediondo que tão conspicuos e alfredistas patriotas estão cometendo.

\*\*\*

Para as fábricas da U. Fabril, do Barreiro, foi recambiado, não se sabe de onde, um tal Teixeirinha, que exerce o cargo de gerente na Fiação de juta e Secção de Tecidos. Este homem à civilização nada deve, tendo sómente direito a viver entre feras, a não nos apoiar quando um fim comum nos aproxima.

Há apenas algumas semanas que está ao serviço da Companhia e o sudário de selvas já vai longo. Desconsidera as operárias que estão na secção que dirige, e não contente com isto, apliça-lhes multas e despede-as a torto e a direito, numa semicrónica inexplicável.

Em 4 de agosto, as mulheres resolveram protestar contra este az da mandarice, e abandonando o serviço, foram queixar-se ao sr. Alfredo da Silva; este concordou com o que as operárias lhe disseram, chamando imediatamente o tiranete ao escritório; mas foi uma concordância cínica, própria de quem só está acostumado a fazer mal, por quanto daí a momentos já havia ordenado para demitirem todas as operárias que protestaram. E assim foi: as iniciadoras desse movimento já eram entradas nas fábricas da Companhia, e as outras fôram entrando em pequeno número, dias depois, e ouviram uma fiação de moral, ficando sem as relações que auferiam antes.

De então para cá, a pouca vergonha tem redobrado.

O mesmo Teixeirinha tem a mania de inventar-se nas outras secções, onde nada tem que fazer, dando origem a despidimentos de alguns operários que não se curvam às suas parvas ordens, e ao mesmo tempo pondo em cheque a competência de outros mestres.

## DA MARINHA GRANDE

## ACTIVIDADE SINDICAL

Regressaram do Norte, os delegados do Sindicato Único dos Lapidários de Vidreira, que em missão de estudo e propaganda, se avistaram com os seus camaradas de Oliveira de Azeméis.

Sabemos, que as suas diligências foram coroadas por completo êxito, tendo instado na referida vila noriense uma secção do seu Sindicato, o qual vai representar ao Sr. Ministro do Interior, no sentido de serem atenuadas as desumanas condições em que o extenuante trabalho dos vidreiros, é executado, nas fábricas daí.

## UMA CIRCULAR

## Exortação aos sindicatos operários de Lisboa não aderentes à C. S. do T.

Na última reunião do C. G. da C. S. do T., foi resolvido enviar, aos sindicatos de Lisboa, não aderentes àquele organismo, o seguinte ofício:

Os esforços dos trabalhadores convergem para um determinado fim, as suas reivindicações vão tomando um carácter mais agudo, e, diariamente se torna mais necessário o entendimento de todos os trabalhadores para uma accção em conjunto.

Devem os trabalhadores procurar manter, nos seus sindicatos, laços de solidariedade e com eles estabelecer uma organização que se impõa. A base dessa solidariedade só pode estar nos interesses, aspirações e necessidades materiais e espirituais comumente consideradas e sentidas. São estes os laços de união necessários, que imperiosamente se impõem.

Existe a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, que foi criada para coordenar, dentro das atribuições consignadas na Organização Social Sindicalista, a ação dos sindicatos locais prevendo a luta que os trabalhadores necessitam desenvolver contra o sistema económico vigente — o capitalismo — por uma ação que condicione a sua qualidade de produtor com a sua condição de consumidor. Esta é, por assim dizer a ação mais eficaz dos trabalhadores contra a exploração do capitalismo, não podendo os sindicatos, de per si, atender a este aspecto da ação sindicalista dos trabalhadores.

Nesta Câmara, pois, devem-nos todos encontrar por intermédio dos nossos sindicatos locais. Esta aspiração já foi sentida quando do Congresso dos Sindicatos de Lisboa em 1926, onde foi acitado um período de 6 meses para que todos os sindicatos não aderentes ingressassem afim de se estabelecer a união.

E, pois, dentro dessa deliberação que a C. S. T. de Lisboa vem convidar-vos a ingressar no nosso seio. Queremos, contudo, dizer-vos que nesta Câmara, baseada nos princípios federalistas e autonomistas, fica a liberdade aos sindicatos de agirem como lhes aprouver, não é justificando, portanto o receto da perda de independência. Se continuarem persistindo na recusa, esperamos que não se obstinuarão, e como até aqui, a não nos apoiar quando um fim comum nos aproxima.

O que se passa na indústria do carvão, sucede em maior ou menor grau, em todas as indústrias. A maquinaria é, pois, uma das principais causas da desocupação, ainda que não seja a única, pois há muitos factores que contribuem para esta situação, sem precedentes.

A bolsa, os manejos dos grandes potentados da indústria, o capitalismo que tudo invade no sistema capitalista, a finança, etc.

são causa que, para isso, contribuem, mas em minha opinião, a causa principal é a maquinaria. Della temos a prova no facto de que nos Estados Unidos se sente a desocupação, mais intensamente, nos centros mais industriais; no entanto nas regiões agrícolas, a percentagem de desocupados é muito mais baixa.

Portugal está para os outros países como a loja provincial está para o fornecedor de Lisboa. Sucata para pretos. Quasi tudo reunido daria um monte de lixo da mais infima qualidade. E o nosso bom povo admira tudo isto, com larga admiração do gentio português.

Além disso, os militares resistem em Ponte de Sôr,

Ervedal, Aviz, Benavila, Souzé, Fronteira,

Cano, Pavia, Cabeço de Vide, Estremoz, Alter do Chão, Terrugem, Cabeçãs etc., basta

região entre quatro cidades — Arantes, Portalegre, Elvas, Évora. Estas terras foram

percorridas há anos, várias vezes, por abençoados caminhos dos rurais de 3000, e da Construção Civil e Manufacturas de Calçado de Lisboa.

Léguas e léguas foram percorridas a pé.

O Alentejo não é uma viagem de recreio e sensação. E' de abnegação. Se tivesse mais tempo dava-te mais informes interessantes.

Moscou, 20 de Setembro. O departamento político do Estado, depois de ter examinado a questão dos espelhadores e assentadores de moedas em ouro e prata, condonou à morte oito dos mais importantes receptadores; s, convictos também de manejos contrarrevolucionários activos. Os outros acusados, em número de 438, foram condenados a detenção.

A sentença foi executada.

— E a opinião pública?

— Simpatizava comunismo. O povo nada tem a dizer de nós. Somos seus filhos. Vive apatia,

porque a miséria é grande e a hora é de desconfianças.

O feudalismo caprichoso, arrogante, todo poderoso, revive em cada localidade, nas pessoas de dois ou três magistrados.

E, no entanto, como é enorme a população rural!

A Federação Rural já chegou a ter 5.000 associados, firmes, o que, no entanto, era uma infima minoria. Não cabe aqui investigar porque não houve nunca uma forte federação campesina.

A Central Operária tem um grande futuro na próxima Federação, cujos trabalhos de organização os camaradas de Évora estão iniciando.

Ela pode vir a ser a mais forte federação e a mais característica num país agitado como é Portugal.

Ela será ainda o mais durável, esteio de futuros movimentos emancipadores.

A sentença foi executada.

Evidentemente que tais medidas não se compreendem senão por situações desesperadas, de contrário significariam uma ferocidade cega.

## NA ALEMANHA

## Luta de classes

O Embaixador dos Soviéticos na Alemanha, St. Machin, almoçou com grande cerimónia na companhia do presidente Hindenburg, antigo marechal do Kaiser, militarista e revisionista ferrenho.

Chama-se isto nas modernas táticas proletárias: «luta de classes».

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

## PROBLEMAS DE HOJE

# A Desocupação e a Máquina Os Rurais Reorganizam-se

**A maquinaria é uma das causas do desemprego, embora outros factores contribuam para a agravar**

O desemprego é um dos problemas mais sérios que ameaçam a burguesia, especialmente nos países industrializados. Quanto mais se industrializa uma nação, maior é o número dos desocupados, pois que a indústria moderna emprega máquinas cada vez mais eficientes e estas vão dispensando o operário em constante e crescente número, com maior rapidez que o operário se ajusta às novas condições, mediante o estabelecimento de jornadas de trabalho mais curtas.

A arranca 1.200 toneladas de carvão por dia, e poderia tirar 3.500 toneladas. A máquina avança já seja pela gravidade ou por electricidade. Uma idéia do que é este aparelho, poder-se-há ter, atendendo ao facto de que a produção na dita mina, é ponto médio, de 22 toneladas por homem empregado por dia, enquanto que o ponto médio das minas do Estado de Illinois é de 5.85 toneladas, isto é: com a máquina o operário produz quatro vezes mais. Assim, pois, uma mina que empregasse mil mineiros, cortando carvão até uma profundidade de 30 pés. E' a maior máquina construída na sua classe, e pode dizer-se, parodiando o lema duma padaria americana que «o carvão chega a casa do consumidor sem haver sido tocado pela mão do homem».

Arranca 1.200 toneladas de carvão por dia, e poderia tirar 3.500 toneladas. A máquina avança já seja pela gravidade ou por electricidade. Uma idéia do que é este aparelho, poder-se-há ter, atendendo ao facto de que a produção na dita mina, é ponto médio, de 22 toneladas por homem empregado por dia, enquanto que o ponto médio das minas do Estado de Illinois é de 5.85 toneladas, isto é: com a máquina o operário produz quatro vezes mais. Assim, pois, uma mina que empregasse mil mineiros, cortando carvão até uma profundidade de 30 pés. E' a maior máquina construída na sua classe, e pode dizer-se, parodiando o lema duma padaria americana que «o carvão chega a casa do consumidor sem haver sido tocado pela mão do homem».

Faces queimadas. Trajes variegados. Rosas de óculos. Olhares de ciganos. Expressão irreductível de miséria. Apregoam-se objectos caros e bugigangas que nem a um preto interessam. Touradas, com touros das Lezírias, à cunha. Tabernas aos centos, também à cunha. Até uma casa de prostituição, com mulheiros vindas expressamente de fora. Está completa a sociedade. Aqui, lado a lado, juntos pelas afinidades regionais, os carros de Montargil. Além, os de Aveiro e témpos. Mais além, os de Fronteira, e assim por diante. Ruas e ruas com barracas de tudo de tudo. «Comes e bêbes», à cunha. Cavalinhos para a rapaziada imbecil. Circo. Tendas de maltrapilhos. Legiões de pedintes. Exposição de chagas. Barracas de jogos.

O que se passa na indústria do carvão, sucede em maior ou menor grau, em todas as indústrias. A maquinaria é, pois, uma das principais causas da desocupação, ainda que não seja a única, pois há muitos factores que contribuem para esta situação, sem precedentes.

A burguesia sorri para esta miséria, de dentro dos seus automóveis. Sorri e comenta: Aqui está a nossa força comercial, os nossos produtos! A maior parte destes produtos, que o Comércio e a Indústria espalham pelo país, está avariada, pôde, constituem os restos que os outros países exportam, a preços mais baratos, por já não lhes interessarem. Portugal está para os outros países como a loja provincial está para o fornecedor de Lisboa. Sucata para pretos. Quasi tudo reunido daria um monte de lixo da mais infima qualidade. E o nosso bom povo admira tudo isto, com larga admiração do gentio português.

Os militares resistem em Ponte de Sôr, Ervedal, Aviz, Benavila, Souzé, Fronteira, Cano, Pavia, Cabeço de Vide, Estremoz, Alter do Chão, Terrugem, Cabeçãs etc., basta

região entre quatro cidades — Arantes, Portalegre, Elvas, Évora. Estas terras foram percorridas há anos, várias vezes, por abençoados caminhos dos rurais de 3000, e da Construção Civil e Manufacturas de Calçado de Lisboa.

Léguas e léguas foram percorridas a pé. O Alentejo não é uma viagem de recreio e sensação. E' de abnegação. Se tivesse mais tempo dava-te mais informes interessantes.

Moscou, 20 de Setembro. O departamento político do Estado, depois de ter examinado a questão dos espelhadores e assentadores de moedas em ouro e prata, condonou à morte oito dos mais importantes receptadores;

s, convictos também de manejos contrarrevolucionários activos. Os outros acusados, em número de 438, foram condenados a detenção.

A sentença foi executada.

— E a opinião pública?

— Simpatizava comunismo. O povo nada tem a dizer de nós. Somos seus filhos. Vive apatia,

porque a miséria é grande e a hora é de desconfianças.

O feudalismo caprichoso, arrogante, todo poderoso, revive em cada localidade, nas pessoas de dois ou três magistrados.

E, no entanto, como é enorme a população rural!

A Federação Rural já chegou a ter 5.000 associados, firmes, o que, no entanto, era uma infima minoria. Não cabe aqui investigar porque não houve nunca uma forte federação campesina.

A Central Operária tem um grande futuro na próxima Federação, cujos trabalhos de organização os camaradas de Évora estão iniciando.

Ela pode vir a ser a mais forte federação e a mais característica num país agitado como é Portugal.

Ela será ainda o mais durável, esteio de futuros movimentos emancipadores.

A sentença foi executada.

Evidentemente que tais medidas não se compreendem senão por situações desesperadas, de contrário significariam uma ferocidade cega.

## NO ALTO ALENTEJO

## PELOS TEXTOS

## DE SETUBAL

**Perseguições feitas a operários em Castanheira de Pêra. Uma vingança.**

CASTANHEIRA DE PÊRA, 8.—A situação em que se encontram vários camaradas do regime de trabalho dos trabalhadores do mar, em Setúbal. Agora a Associação de Classe dos Trabalhadores do Mar, apresentou uma reclamação onde é exposta a sua situação. A certa altura diz:

«Estabelecer também os contratos de matrícula que os pagamentos serão feitos em cada 30 dias.

Conhecido os exigentes vencimentos dos trabalhadores do mar, sabe-se bem com que anciedade aguardarão o dia do pagamento para, assim poderem levar para o seu lar alguma coisa com que possam satisfazer as necessidades da Família. Pois tal prescrição também muitas vezes não é cumprida, chegado a haver casos em que o pagamento é demorado, além do tempo estabelecido, em 10 dias e mais.

Quando os buques vão à lota, ao pessoal é dada uma pensão.

Estava indicado que o restante fosse incluído na venda geral, de cujo montante seria feita, depois tirada a percentagem. Mas tal não sucede. Este dinheiro não entra nas contas e portanto a companhia não recebe deles.

As Mercês que fazem serviços a cercos de que não pertencem, recebem por esse trabalho 15% da venda do peixe que transportam. Estava lógicamente indicado que, trabalhando este pessoal para outros cercos e deles recebendo, o pagamento do frete, deles fossem tirados os seus vencimentos ou, então, que esse dinheiro entrasse em contas na Arle, a que pertencem. O contrário é o que fazem os srs. Armadores. Recebem aquela importância e pagam depois ao pessoal da percentagem da sua Arle, como se sempre para ela fizessem trabalhado. Chega a haver casos em que, as Mercês vão prestar serviço noutras artes e depois, aquelas a que pertencem, ferem de chamas outras estranhas, havendo assim uma dupla desvantagem contra a companhia.

Outras anomalias citam a

## O MOVIMENTO INDIANO

# Gandhi e o seu apostolado humano

### A Índia agita-se, enquanto a imprensa inglesa aparenta tranqüilidade

A imprensa britânica, capitalista e burguesa, debalde tem comentado os acontecimentos da Índia com ironia, dissimulando comprometedoramente o mal-estar profundo que dia a dia perturba a sua flegma.

Na verdade, o que será das imensas receitas que o monopólio de sal lhe assegura, se se violar publicamente a lei da Gabela? Como administrar-se um país de 350 milhões de homens, se os funcionários nativos que se contam aos milhares, se juntarem ao movimento da «não-cooperação»; se professores e alunos abandonarem as escolas; se os pleitos se resolvem por arbitramento; se se fecharem as portas ao comércio britânico, e se se destruirem as suas mercadorias, restaurando as indústrias nacionais; se esses milhões de homens se recusarem a pagar todos os impostos? E se as violências opuzerem com estoica docura, a «resistência passiva», preferindo à situação anomala de dominados, os ferros libertadores das cadeias?...

Perante esta guerra de ordem puramente espiritual, a mais poderosa nação do mundo sente a impotência de combater um povo fraco e sistematicamente explorado; e o mundo observa a inanidade dos seus grandes exércitos e a inépcia de milhares de milhões de suas armas de fogo...

O prestígio internacional da «maior potência do mundo» vai-se abalando. E como é necessário defendê-lo, a «liberal nação» aplica na Índia as mais vexatorias medidas da dignidade humana. Assim, mobiliza os regimentos com Dyers à frente; espalha a mais terrível polícia secreta, dando-lhe poderes sem restrição; os crimes verdadeiros ou presumidos são sumariamente julgados e punidos com pena máxima. E como as cadeias gemem sob o peso incomportável de condenados, franqueiam-se as minas, onde estão apodrecendo como seres abjectos, milhares de homens... Mas a legião de condenados não chora,—antes, desafia a morte, alegremente, a cantar o *Bande Mataram!*

O movimento, porém, alastrase. Não há força humana que o possa deter. Prendem-se os chefes Walabai Patel, Sen Gupta e o presidente do Congresso Nacional, Jawaral Nehru? Aparecem outros, às centenas. Gandhi já avisou ao Lord Irwin: que 10 mil pessoas estavam aptas para o substituir, se fosse preso.

Wilfred Wellock, no seu notável livro *India's Awakening* (its National and Worldwide Significance), dedicado ao povo inglês, escreveu no prefácio: *Duas coisas querem acrescentar: 1º Que o Movimento (indiano) abrange um ideal universalista que o povo inglês não deve ignorar. 2º Que nenhuma violência ou perseguição poderá extinguir... Acrescenta: But new offensives will be made; the Movement cannot die, for its roots are spiritual.*

Não. Não pode perecer...

\* \* \*

Não é raro a imprensa portuguesa comunicar com hiperboles, os benefícios da civilização que a Índia deve à Inglaterra. Nada mais fácil de dizer; difícil, porém, de justificar.

Para contrastar o quadro flagrante da miséria que a Inglaterra lhes legou, basta mencionar estes dois índices extremos: enquanto o vice-rei da Índia ganha 20 milhões de rupias ao ano (melhor pago, portanto, que o presidente da U. S. A., e muitíssimo mais que o Chefe do Gabinete Inglês) um operário indiano tem a renda anual média de 2 libras e meia (35 rupias)! Só o exército consome mais de metade de receitas. E note-se que o funcionalismo inglês é o mais bem pago do mundo.

A drainagem de quasi todo o dinheiro da Índia para as mãos cubicas das dominadoras, deixou-a num estado de mais chocante miséria. Desta derivam dois corolários: a fome e a doença.

De 1873 a 1876, a fome matou 5 milhões de indígenas. De 1895 a 1900 morreram 19 milhões. Verifica Digby que, de 1893 a 1900, a cifra se elevou a 32 milhões! O des-

tino negro obriga, finalmente, a milhares de famílias, para não morrerem de fome, a trilhar os caminhos obscuros da prostituição. E a doença?

De 1896 a 1900 matou 4 milhões. Em 1907—morreram 2 milhões. Só o cólera em 1905 arrazou uma percentagem de 305 por 100.000!

O que fez o governo inglês para acudir a esta vorágem da morte? Segundo Albert Mestain, os socorros que de 1900-1901 estavam orçados para 100 milhões de francos, desceram a 10 milhões (de 1900-1905) e mais tarde reduziram-se a 55 mil francos!

E os impostos?

O sal que é monopólio do Estado, é vendido 1.600 vezes mais do que o seu preço do fabrico. As classes pobres não o podem comprar. E, é, entretanto, um alimento indispensável.

O camponês indiano paga mais 20% do que um camponês britânico. O imposto sobre os rendimentos, é ínfimo relativamente ao rendimento agrário. Além disto, a vida do camponês está absolutamente à mercê dos capitalistas ingleses. As culturas que não servem directamente os interesses destes, são abandonadas, e a concorrência estrangeira é protegida quando não é atingido o capital inglês. Tão dura se torna a situação do camponês, que, para para pagar os impostos tem de vender o trigo ao estrangeiro, e iludir a fome dos seus filhos com um punhado de ervas cosidas.

E qual a ação da terrível civilizadora no capítulo da instrução?

A companhia inglesa nunca pensou seriamente no ensino. O governo directo consagrava uma pequena parcela do orçamento para o seu desenvolvimento. Resultados apenas 18 milhões sabem ler. Todo o resto é iniciativa privada. Para escolas superiores não é a Inglaterra quem manda os melhores professores. Se não fossem os mestres indianos e os docentes germânicos, a instrução superior seria um mito.

Muitas vezes, uma aparente opulência, como um vistoso reclamo, fala mais alto que a miséria uivante de um povo. Assim, se

explica que um galan da literatura com pretensões a «mentalidade europeia», e alguns defensores dos direitos do Homem, façam afirmações de que a Índia tudo deve à Inglaterra, como escolas, caminhos de ferro, higiene etc. (Note-se que o inglês não gosta confundir a civilização anglo-saxônica com a civilização europeia).

Ramaiah Naidú, discípulo querido de «madame Curie», respondeu numa entrevista àquela afirmação, muito em voga também entre os «reports»: «Sem dúvida, mas pode-se felicitar por um estado de coisas que, para o povo apenas tem servido de pretexto para uma miséria, maior ainda? Nas cidades, o operário é explorado nas fábricas, onde trabalha doze horas por dia, por um salário de fome. Nos campos, é vítima de usurários que emprestam a taxas que variam entre 50 a 100%, sem que nenhuma lei reprima este odioso tráfico. O camponês assina, sem poder ler, o papel que o usurário lhe apresenta. E nos tribunais é sempre condenado: deve pagar porque assinou o contrato!»

Desse bas-fond de miséria e de opressão, nasceu o grito altivo de morrer lutando numa guerra incruta, guerra há muito prevista e agora seguindo na sua marcha heroica.

\* \* \*

E' de grande importância que se acentue sem equívocos, o significado do nacionalismo indiano. Ao contrário dos nacionalismos ocidentais que são sinônimos do Imperialismo, o nacionalismo no Oriente, propõe-se claramente, reivindicar os legítimos direitos da nação e adoptar uma política de mais profundas reformas sociais. Tão antagónicos são estes dois nacionalismos, que os imperialistas europeus, descobrem logo, o pôlen russo, nos movimentos asiáticos. Felizmente, a Índia não tem de pedir lições à Rússia. A sua tragédia intensa de um século e meio de dominação britânica, espécie de um tzarismo satânico, criou-lhe na alma o anseio insofrido da libertação e da justiça.

Se é certo que um país que viveu debaixo da tirania e humilhação sem nome, não

pode crer nas panaceias de um governo burguês, sempre predisposto a dominar, também não pode caír no outro extremo, que a Rússia preconiza.

Em bom inglês, Gandhi escreveu aos seus amigos britânicos: *You may fear Russia; we do not. When she comes, we will look after her... If you are with them we shall receive her jointly.* E um discípulo do Mahatma, diplomado nas Universidades de U. S. A., exclama: «Lutaremos sempre pela Bondade e pela Justiça, e contra a aristocracia de nascimento, de dinheiro, e até mesmo contra a aristocracia intelectual, que não raro ambiciona a prepotência».

A civilização moderna esqueceu o homem sacrificando-o aos seus interesses materiais. Gandhi propõe a volta do homem para o homem; deseja a aproximação entre os homens. A Índia, diz ele, não nasceu para servir um dominador mas para servir a Humanidade. «O homem acima de tudo». Com efeito, o Mahatma há-de repreender austeramente o povo indiano, quando ele tecusar o alimento aos soldados britânicos. Se a vida é o mais precioso dos bens, até a vida de um inimigo deve merecer o mesmo respeito que a nossa.

«Odiar a dominação britânica, não implica o ódio aos ingleses individualmente. Odiamos o satanismo, mas amemos Satanaz. Lavemos a Índia com todo nosso sangue, se for preciso, mas não a manchemos com uma gota de sangue.

Revolução? Sim. Mas a primeira arma do combate há-de ser a Não-Violência. As relações humanas não podem basear-se na destruição e na vingança. Porque a força não convence. O heroísmo consiste em amar quem nos odeia e persuadi-lo por amor. Porque regista a história milhares de heróis e poucos santos?—porque a prática do Bem é mais difícil que a prática do Mal. Mas não-violência não significa passividade. Entre a frouxidão e a violência é aconselha a violência, mas acrescenta: «eu prefiro a coragem serena de morrer sem matar.

O que mais se admira neste homem que é temido pelos seus adversários porque os ama, é a absoluta concordância entre as suas palavras e os seus actos. Assim, depois de dirigir uma mensagem aos seus «amigos ingleses», pregou o abandono de todos os títulos e glórias, e foi o primeiro a abandoná-los.

Proclamou a desobediência civil e iniciou ele este movimento.

Instituiu como um dever sagrado o fomento da indústria de fiação e trabalho todos os dias na roça.

Exemplo e acção. Vida extraordinária de um homem que conheceu as culminâncias da glória nos tribunais da África do Sul, e também as de martírio e de opróbrio. Despresado, preso nos mais imundos cárceres, batido e vilipendiado, foi comungar a sorte dos vermes humanos, das plebes perseguidas, a sorte dos quais defendeu. Porém, a hora da justiça souu. O seu maior adversário, o general Smuts, denominou-lhe, mais tarde, *Conscientiores objector*.

Pálidamente esboçados alguns reflexos da vida e acção do Mahatma, resta-nos acenar que, se o movimento de não-violência e não-cooperação tem a adesão de uma grande parte do povo, não se limita só a esta, a actividade de todos os políticos. Pois os swaragistas servem-se de todos os meios para combater a soberania inglesa; os extremistas usam de violência para intimidar as autoridades; e finalmente os sindicatos operários que multiplicam as greves, aspiram a uma revolução não sómente política, mas sobretudo, social.

Ouço o eco das últimas palavras de Paúl Zonis: «A insurreição dos Hindús, qualquer que seja a sua forma e quaisquer que sejam os iniciadores, completa a revolução russa. Ela abalará o mundo até aos seus alicerces. Política ao princípio, tornar-se-há necessariamente social. E, se a burguesia hindu a sustentar na primeira etapa, a segunda fase será camponesa e operária».

H. A. F.

### “A Batalha” dirige-se aos seus amigos

A Batalha surgiu no momento em que mais se fazia sentir a necessidade dum jornal que coordenasse a actividade dos trabalhadores, porque estes, apenas, podiam contar com o apoio dos seus organismos: Sindicatos, Federações, Câmara Sindicais e Central. Faltava um elemento de coordenação que estivesse em contacto permanente com o operariado, o ouvisse nas suas reclamações, a todos levasse a notícia de que este ou aquele organismo, esta ou aquela modalidade de profissionais, actuava e o fazia de determinado modo. Ora isto só seria possível com um jornal que chegasse a toda a parte e a todos pudesse garantir honestidade na informação, na crítica, na doutrina. A Batalha oferece, sem dúvida alguma, essas garantias. Devemos ajudar, para evitar especulações, que o nosso colega Vanguarda Operária satisfaça neste aspecto. Havia, porém, necessidade de que a sua zona de influência se cingisse ao Norte, descentralizando desse modo, actividades.

Reatemos, porém, o fio das nossas considerações. A Batalha surgiu, portanto, quando mais era necessária.

Porém, não basta reconhecer-se a necessidade de existir A Batalha. E' preciso garantir-lhe a vida; é preciso que todos se lembrem que um jornal exige esforços, apoio e dinheiro. O nosso jornal foi, é certo, recebido em todo o país com grande entusiasmo, as tiragens foram além do que nós supunhamos e mesmo o apoio material que os trabalhadores nos têm dispensado, é animador. Isso é, porém e ainda, insuficiente. E' preciso mais.

Por isso todos os trabalhadores não devem, esquecer que é necessário o seu apoio e que ele deve materializar-se pelo envio de listas de assinantes, concorrendo assim para a sua máxima expansão, e pela abertura de quetas nos locais de trabalho e em todos os lados onde se reunam operários.

## NOS ESTADOS UNIDOS

## NA GUARDA

## UM ALVITRE

## NO ALTO ALENTEJO

**A greve das operárias de vestuário**

A 4 de Fevereiro 25.000 membros da União Internacional das Operárias do Vestuário abandonaram o trabalho sob a direcção das suas associações, e suportadas, largamente, pelas direcções das oficinas já organizadas. Esta greve é única, porque teve a sanção da parte dos manufactureiros progressivos que sofrem pesados prejuízos em cada estação devido à concorrência dos contractadores e empreiteiros.

As principais reclamações das grevistas foram a semana de cinco dias com 40 horas, fixação dum salário mínimo, seguro contra o desemprego, etc.

Esta greve de Nova York também marcou qualquer coisa de novo nas lutas operárias pelo facto de que os «leaders» não procuraram aproveitá-la.

A «troupe» que tratou das negociações em Nova York esteve presentes noutras cidades, com a mesma capacidade, e traíndo invariavelmente os seus sequazes. Não é difícil adivinhar que a razão foi a vasta confraria concentrada em Nova York. Estes parasitas profissionais do movimento operário, desde Green ate o de mais infima categoria, sabem, apesar-de-tudo, de que lado o seu «pão é barrado com manteiga».

Há um ano, os comunistas tentaram captar o União Internacional, declarando uma greve geral. O pretexto é uma pura invenção, mas a declaração de greve foi o suficiente para causar grande confusão e perda individual de dinheiro a grande número de operários que não quizeram ficar a trabalhar, enquanto outros se punham em greve. Terminou com uma derrota completa, exactamente como toda a greve engendrada pelos comunistas, desde que entraram em campo. Mas não satisfeitos com os seus longos records de fracassos desmoralizadores, eles ainda continuam com os seus motins nas ruas, tal como os fascistas têm sempre feito, e agora declararam outra greve nas fábricas I. L. G. W. U., em Boston, com o resultado usual de darem ocasião à polícia de expandir a sua brutalidade.

Na greve de Nova York, os anarquistas puseram-se a lutar ao lado dos operários organizados, tomando os seus lugares nos piquetes e não deixaram passar nenhuma oportunidade sem chamar a atenção para o significado destas lutas periódicas destinadas à melhoria de situação.

A-pesar-dêles reconhecerem perfeitamente a situação de profunda corrupção da Federação Americana do Trabalho, os anarquistas também sabem que pertencem ao «front» proletário em todas as lutas. Eles têm visto, repetidas vezes, os desastrosos resultados das certas organizações, assim como reconhecem a desmoralização dos actuais dirigentes das existentes organizações. Não obstante, têm eles visto também o carácter dos destruidores dos contingentes da ala esquerda e, por isso, enquanto não

**GUARDA, 10.—**Apesar da notícia ultimamente publicada na V. O., os operários locais ainda não se deram ao cuidado de frequentar o seu Sindicato. Parece que não precisam de ser organizados, dando-nos a impressão de que já possuem tudo quanto desejam para viver.

Actualmente, acontece que muitos operários doutros tempos, são hoje mestres, trabalhando as horas que lhes apetece, chegando aconselhar os seus operários a trabalharem o que elas exigem, sob risco de despedimento. Há, mesmo mestrezinhos modelares que chegam aos maiores atropelos, prejudicando os operários e concorrendo para agravar a crise.

Como o horário de trabalho não se cumpre, os operários chegam a estar semanas e semanas sem trabalho. E isto é o que acontece a quem não sabe punir pelos seus interesses.

Lembrai-vos, camaradas, que trabalhar a mais é cavar a vossa própria ruina! Quando vos encontrais sem trabalho o vosso mestre e o vosso patrão que, antes servistes com horas a mais, não vos vão levar a casa pão para vós e para os vossos filhos! Lembrai-vos disso e sareis mais conscientes e menos cobardes.

A direcção do Sindicato da Construção Civil tem trabalhado para que a lei seja devidamente respeitada. Ainda no dia 24 de D. P. P. uma comissão, composta por Damiao Ferreira da Silva, António Pires, Edmundo Augusto, José Prata, António dos Santos e João Bernardo, se encontraram com o governador civil da Guarda. Expuseram a esse senhor o que se passava, respondendo que sim, que ia tratar de fazer respeitar o horário.

Essa direcção não descurrou o assunto. Precisa, porém, que todos os trabalhadores desta localidade a auxiliem, ingressando no Sindicato. —(C.)

**Na Associação dos Caixeiros de Lisboa**

A Associação dos Caixeiros de Lisboa, realizou no passado domingo uma sessão solene para abertura do ano lectivo de 1930-31 e para distribuição de prémios aos alunos mais classificados do ano anterior.

Na sessão, que foi muito concorrida, usaram da palavra, entre outros, os srs. Ramada Curto e João de Barros.

se possa fazer escolha, entre estas duas forças más, elas nunca participarão na destruição a organizações que levaram muitos anos a formar pelo menos enquanto não apareçam outras coisas melhores no horizonte.

A greve de Nova York foi resolvida em dez dias, mas surgiu um novo obstáculo na recusa dos patrões e contractadores a assinar o contrato previamente combinado. Uma outra greve pode tornar-se necessária para meter ou expulsar do campo da indústria do vestuário certos patrões e empreiteiros.

Pelo menos, os operários estão resolvidos a trabalhar por que o sistema de escravidão termine na indústria.

Esta greve provou o poder do esforço unificado. Se os trabalhadores continuarem a manter as suas forças intactas não só conseguirão todas as suas reclamações, obtendo uma nova situação para o proletariado em harmonia com a época em que vivemos, mas constituirão uma organização que eventualmente aparecerá os «leaders» arrogantes e apresentará um sólido «front» contra a depravação criminosa dos lacaios de Mussó, que insistem em destruir tudo que não podem controlar.

\*\*\*\*\*  
**Todo o trabalhador deve lutar e propagar «A Batalha».**

**Uma carta e uma ideia Ouvindo os trabalhadores rurais**

(Continuação da página central)

Do conhecido escritor e antigo colaborador de *A Batalha*, Julião Quintinha recebemos a seguinte carta:

**Presados camaradas de «A Batalha»:**  
Saúdo o grupo de camaradas que fez aparecer *A Batalha* e formulou votos para que, de semanário, se transforme em diário, como é preciso.

Suponho que é Portugal o único país que não tem um órgão de imprensa diário, para defesa da causa operária.

A organização operária sem imprensa diária é o mesmo do que um gigantesco corpo sem voz ou com a boca emudecida, sem poder pronunciar as palavras dos seus pensamentos, das suas razões, dos seus protestos.

Se é triste o aspecto que oferece o homem mudo, como não ser impressionante a colectividade de boca cerrada!

A imprensa, boa ou má, é sempre uma voz que atravessa o mundo.

E os trabalhadores portugueses não podem ficar silenciosos ante os grandes problemas sociais que no momento se agitam por toda a parte.

Se 10.000 trabalhadores se inscrevessem com uma acção de 100\$00 (pagável num ano) realizariam o capital de 1.000 contos, o suficiente para lançar um razoável diário.

Não há em Portugal 10.000 trabalhadores dispostos a esse sacrifício?

Eu seria um deles e, embora difícil, não suponho impossível essa realização.

Saudações afectuosas do antigo colaborador:

**Julião Quintinha**

**N. da R.**—O alvitre de J. Quintinha é, sobre todos os pontos de vista, interessante, mas, quanto a nós, por agora, irrealizável. Não podemos, na verdade, pensar em pôr em prática tal aspiração do operariado organizado, porque, de momento, há mais urgentes e imperiosas necessidades. A seu tempo pensaremos no assunto. Por agora vai satisfazendo o semanário, embora lutemos com falta de espaço e sintamos, mesmo por outros motivos, a necessidade do diário.

**Auxílio à "A Batalha"**

**Transporte... 2.052\$00**

Quete dos descarregadores de Mar e Terra de Almada: Tomás Negócio, 2\$50; Manuel João Marques, 2\$50; Questiano Carlotto, 2\$50; José Custódio, 2\$50; António Mendes, 2\$00; José Gomes, 2\$00; Eduardo João Marques, 2\$50; José dos Santos, 1\$00; Manuel Lopes, 2\$00; Augusto Coisinha, 2\$50; Pelágio Moreira, 2\$50; João Moreira, 2\$50; Abel, 1\$00; José Mendes, 2\$50; António Pais, 2\$00; Paulino, 2\$00; Vai à mãe, 1\$50; Miguel Casimiro, 2\$00; Pintasilgo, 2\$00; Correia, 2\$00; Armindo, 2\$50; José Augusto, 2\$50; José Evaristo, 2\$50; Joaquim Nunes, 2\$50; Joaquim Guerreiro, 2\$50; Manuel Gomes, 2\$50; Izidro, 2\$50; António Pereira, 1\$90; António Martins do Carmo, 1\$90; Adelino João Marques, 2\$00; João Sapateiro, 2\$00; Artur Lopes, 2\$00; Mateus, 1\$00; António Francisco, 2\$00; Serafim, 2\$00; António João Marques, 5\$00; Nau Nau, 2\$50; Pedro Matos Felipe, 2\$00—Total.....

Marques Reis, 2\$00  
Centro e Biblioteca Estudos Sociais «Os Filhos de Visco»... 2\$50  
Maria Pinto, 10\$00

Secção dos Operários Corticeiros de Odemira, 20\$00

José da Cruz Belchior, 5\$00  
Rodrigues Estudante, 2\$50

**83\$80**  
**2300**

**2\$50**  
**10\$00**

**20\$00**  
**5\$00**

**2\$50**  
**2\$50**

**8\$00**  
**2.177\$80**

**A transportar...** 2.177\$80

**NO LUXEMBURGO****Um emigrante italiano enforca-se na prisão**

Gino d'Ascanio, emigrado italiano, que, em Abril de 1929, matou M. Arcon, Cônsul Geral da Itália em Luxemburgo, e que ali tinha sido condenado a 15 anos de trabalhos forçados, enforcou-se na prisão em Setembro último.

**CONDIÇÕES DE ASSINATURA:**

**CONTINENTE e ILHAS:**  
Série de 10 números..... 3\$00

**ÁFRICA:**  
Série de 20 números..... 8\$00

**ESTRANGEIRO:**  
Série de 20 números..... 11\$00

**Pagamento adiantado**

Toda a correspondência deve ser enviada para o **APARTADO n.º 329.**

**LISBOA**

# A BATALHA



## CRÓNICA INTERNACIONAL

### Correspondência que nos fala dos massacres do Japão

Eis a reprodução duma carta de Tóquio sobre os massacres realizados ali, em nome dos sagrados direitos dos económicamente privilegiados:

*"Amigos: Na prisão de Akida, na região mais fria do norte do Japão, morreu o camarada japonês Kintaro Uada.*

Para o mundo europeu o nome de Uada é novo, mas no coração dos trabalhadores japoneses viverá largamente a sua memória, como a de Furuta e de tantos outros mártires, dos quais se poderá dizer que não morreram.

No primeiro de Setembro de 1923 o Japão foi atingido por terríveis abalos sísmicos. No Tóquio estalou simultaneamente o incêndio em muitos pontos. A espantosa desventura que feriu o país fez nascer no pensamento do governo o plano de tomar isso como pretexto para esmagar os movimentos subversivos, desde o coreano opositor ao anarquista, e no dia seguinte ao da catástrofe fez circular, entre os sobreviventes fugitivos da burguesia atemorizada, os rumores de que «os socialistas e os coreanos haviam lançado bombas, incendiado casas, envenenado as águas e os viveres». Estas falsidades caíram em terreno fértil: a burguesia alarmada tratou de defender-se, as organizações militarizadas: «Sociedade Nova», a «Associação dos ex-combatentes» foram mobilizadas. Todos os componentes destas guardas brancas estavam armados de grandes sabres, pistolas e lança-bombas, tendo por objectivo atacar os coreanos e os socialistas.

O primeiro triunfo da horda foi a destruição das habitações de muitos revolucionários e a prisão, seguida de tortura, de muitos outros.

Em 3 de Setembro, na rua Okina foi preso o camarada Harrissana, de 37 anos, secretário da associação operária «Yun Rodo Kumiiai», e mais dez operários, que foram levados secretamente ao comissariado de Kumaido, e ali mortos à sabada. Os seus cadáveres foram logo queimados juntamente com mais doze coreanos assassinados que haviam gritado à hora da morte: «viva o proletariado!»

Em todos os comissariados os presos foram injuriados e maltratados. Os polícias, em grande número, golpeavam as costas das vítimas até que elas perdessem os sentidos. Alguns tiveram que suportar estes suplícios por mais de uma vez. Assim R. Tadeschi, atado com as mãos nas espáduas, foi submerso em água pútrida e encerrado imediatamente no local de detenção de Nahan.

Em 16 de Setembro Sahae Osugi, de 32 anos, redactor do mensário anarquista «Rodo Undo Gha», sua esposa Noe Ito, de 29 anos, conhecida no movimento anarquista japonês e Munekosa Tatschibana; criança de 7 anos, sua sobrinha, foram transportados em automóvel ao comando da gendarmeria e ali estrangulados pelo capitão de polícia Amakosu, o sub-oficial Mori e dois cabos Kamoshida e Horida. Os cadáveres foram despidos e arrojados a um pingo e as roupas queimadas para destruir os vestígios. Em 20 de Setembro o assassino foi descoberto, Amakosu era preso pouco depois, e os polícias exonerados por serem considerados seus autores.

O assassinato de Osugi suscitou naturalmente a indignação do público contra o governo, mas este não soube opôr-se ao massacre dos coreanos e dos socialistas tendo perdido alguns milhares de inocentes.

A classe dominante estava há muito tempo preparando o massacre de Tóquio. Três meses depois da morte de Osugi, escrevia Uada em *Rodo Undo*: A autoridade pretende que o assassinato de Osugi deva atribuir-se à iniciativa pessoal do capitão Amakosu e dos seus cúmplices. Esta é uma vulgar mentira. Sabe-se com efeito, que os militaristas incubavam desde alguns anos o desejo de degolar, na primeira ocasião propícia, todos os revolucionários, e que durante esse tempo os comandantes, na sua inspeção às tropas anunciam: o Estado espera fazer a guerra aos socialistas num futuro próximo...

Dos acontecimentos anteriores se deduz com clareza suficiente, que os assassinatos

## VIDA SINDICAL VIDA OPERÁRIA

### NA AMÉRICA CENTRAL

### A situação económica do proletariado no Equador

#### Empregados no Comércio e Indústria

#### Comissão Inter-Federal

*Na ultima segunda-feira reuniu o secretariado deste organismo, tendo apreciado vários expedientes entre os quais se destacava o seguinte: Ofício da Associação dos Teceiros de Castanheira de Péra relatando os atropelos dos industriais da indústria têxtil contra o horário de trabalho, como noutra local relatamos, Nesse ofício pedem um delegado para tomar parte em uma sessão. Foi resolvido oficiar-lhos notificando a nomeação do delegado.*

*Os mineiros de Aljustrel também comunicaram que em virtude da sua situação não se ter modificado, por motivo dos despedimentos, resolveram dirigir-se, por intermédio de uma comissão composta por mineiros daquela mina e de S. Domingos, ao governo reclamando urgentes medidas atinentes a minorar a crise mineira que vem afetando os trabalhadores do sub-solo de uma maneira assustadora. Foi resolvido nomear um delegado para os acompanhar em Lisboa.*

*Foi, ainda, apreciado um ofício e um telegrama dos soldados de Setúbal, que pretendem realizar uma conferência, pedindo um delegado. Foi resolvido pedir informações mais seguras sobre a realização daquele acto. No entanto ficou indicado delegado.*

*Também se apreciou um ofício do Sindicato Misto de V. Real de Santo Antônio, em que pedia com urgência o envio dos Estatutos destinados ao funcionamento do mesmo Sindicato, sendo resolvido atender, o mais rapidamente possível, e informá-los das causas da demora.*

*Além disto foram apreciados outros assuntos de interesse para a organização que oportunamente serão tornados públicos.*

#### Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

*Reuniu o Secretariado que apreciou vários expedientes. Verificou que ainda nenhum dos Sindicatos aderentes enviou qualquer espécie de original para O Gráfico. Resolveu enviar uma circular aos sindicatos aderentes sobre a conveniência da reclamação do salário mínimo e sobre outros assuntos.*

#### Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa

*Reuniu a C. A. deste Sindicato. Aplicado vários expedientes e tomou resoluções que se prendem com a vida do sindicato, resolvendo fazer propaganda do sindicato entre a classe e agitar os problemas que mais de perto lhe interessam.*

#### Sindicato dos Encadernadores e Anexos

*Reuniu a Comissão Administrativa tendo apreciado vários expedientes e resolvendo editar um manifesto sobre a necessidade de a classe se associar. No momento actual quando as nossas regalias não são respeitadas pelo patronato não faz sentido que estejamos desavindos. Esse manifesto falará em várias reclamações, como seja salário mínimo, cumprimento do horário de trabalho e outras que mereçam atenção.*

#### Associação dos Operários do Município de Lisboa

*Realiza-se na próxima quarta-feira, dia 22 pelas 21 horas prefixas, uma assembleia magna, seguindo a assembleia geral para tratar dos vários assuntos que interessam, em geral, à numerosa classe dos operários do Município.*

*Os operários interessados não devem faltar.*

*lem massa não partiram da iniciativa pessoal do capitão Amakosu e dos seus cúmplices. Esta é uma vulgar mentira. Sabe-se com efeito, que os militaristas incubavam desde alguns anos o desejo de degolar, na primeira ocasião propícia, todos os revolucionários, e que durante esse tempo os comandantes, na sua inspeção às tropas anunciam: o Estado espera fazer a guerra aos socialistas num futuro próximo...*

*Dos acontecimentos anteriores se deduz com clareza suficiente, que os assassinatos*

#### Empregados no Comércio e Indústria

*Esta numerosa classe encontra-se, como é fácil supor, pouco preparada para a luta tremenda que hoje é preciso sustentar para obter qualquer regalia. Não possuindo sentido de organização, nem alcançando o seu valor como elemento de luta, vai permitindo que, no seu seio, os elementos de influência burguesa atinjam a quasi totalidade. O Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa tem procurado manter um nível orgânico de mentalidade, acima dessa mentalidade geral. Luta, porém, com aquelas dificuldades fáceis de prever, entre as quais avulta o comodismo e aburguesamento da classe.*

*Ouvimos alguém do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa sobre a vida do seu sindicato e sobre medidas interessando à classe.*

*Lutamos com inúmeras dificuldades. Em todo o caso o nosso sindicato tem-se, quanto a horário de trabalho, empenhado numa árdua luta no sentido de serem respeitadas as regalias que ela conquistou:—Assim tem-se esforçado por criar uma atmosfera favorável, tem procurado fazer respeitar a lei de horário de trabalho, indo até junto das autoridades superiores do distrito afirmar o desejo dos empregados no comércio de verem cumprida aquela lei. Os resultados desse esforço, as consequências da nossa ação estão-se sentindo. Tal conquista porém, nem nos deslumbra nem nos envaidece adormecendo-nos sobre os louros da vitória: pois que não satisfaz o que já se conseguiu, e, assim, não descansaremos enquanto não virmos finalmente acatada a lei em questão.*

*A lei do horário de trabalho é uma das caras regalias da classe; e tanto basta para que este Sindicato esteja vigilante por que as 8 horas de labor sejam um facto inofensado no comércio.*

*O descanso semanal: Esse direito das classes trabalhadoras, e portanto dos empregados no comércio, não é dos que, menos tem preocupado o S. E. C. I. L. Bem pelo contrário. É sabido que o descanso semanal é em Lisboa, nuns bairros ao domingo, noutras às quartas, noutras às quintas; etc.*

*Espera este Sindicato, pelas démarches que tem realizado, que, dentro em breve, o aludido direito seja uma realidade ao domingo em toda a área de Lisboa.*

*Caixa de Previdência: Mas não fica por aqui a ação do nosso Sindicato: No seu vasto plano de trabalhos, ele procura atender a todas as necessidades da classe. Nestas circunstâncias, devido à propaganda exercida, foi votada, numa das suas Assembleias Gerais uma proposta para a criação dum Caixa de Previdência, de forma a garantir uma pensão a todos os empregados no comércio, quando estejam no desemprego, doentes, nas prisões, etc., caixa que se encontra em organização.*

*Férias: se o descanso semanal se impõe como medida higiénica não se impõe menos o gosto dum tempo de férias, indispensáveis ao justo equilíbrio da saúde e consequentes faculdades de trabalho.*

*Os nossos colegas dos diversos países da Europa e da América já conquistaram este direito; porque é realmente um direito o de descansar após um aturado ou esgotado labor.*

*O S. E. C. I. L., compenetrado da grande justiça do conceito de que «só quem trabalha tem direito a descansar» encaminhará a sua ação de forma a materializar esta grande aspiração da classe.*

*Concluindo—diz-nos o camarada que ouvimos—torna-se indispensável que o empregado no comércio contribua com o seu decidido concurso; que todos aqueles que mouram no escritório, ao balcão, no armazém ou na praça etc., nos prestem a sua cota-parte de auxílio moral, material, financeiro e económico. Só assim o Sindicato poderá vencer.*

*Ler e propagar «A Batalha» é dever de todos os trabalhadores.*

*Os salários no Equador são excessivamente irrisórios comparados com o custo da vida. Nas fábricas e outros serviços estão abolindo o regime das oito horas, para trabalharem de empreitada.*

*Os trabalhadores do campo trabalham nas fazendas, que são verdadeiros feudos, de 12 a 14 horas por um misero salário. Vivem em tugúrios desprovidos de todo o abrigo contra as inclemências do tempo. A anemia e a tuberculose são as suas companheiras inseparáveis.*

*Quanto aos indígenas, ainda se encontram em piores circunstâncias. É a besta para o trabalho agrícola que dura desde as cinco da manhã até às seis da tarde.*

*O índio é rebelde, mas as suas faculdades intelectuais, pouco desenvolvidas, contribuem para que os seus movimentos fracassem.*

*Temem a intervenção do Estado, que os persegue impiedosamente até nas selvas.*

*O Equador é um dos países da América dos mais atrasados no que diz respeito à evolução social do proletariado.*

*Em geral, a organização dos trabalhadores ainda não saiu do seu período embrionário.*

*A desocupação tem agravado bastante a situação. Só em Guayaquil, a capital, com cem mil habitantes, há vinte mil desempregados, ou seja vinte por cento, cifra bastante elevada.*

*Algumas manifestações de desempregados deram lugar a prisões de militantes operários e à deportação do anarquista Chileno, Camarada Donoso.*

*A revolução russa também entusiasmou o proletariado do Equador, criando-se então numerosas organizações socialistas, comunistas e alguns simpatizantes do anarcismo.*

*Apareceram diversas publicações e o movimento teve o seu baptismo de sangue na grande matança de 1922.*

*As dificuldades do meio ambiente e as questiúnculas entre bolchevistas e socialistas, querendo ambos acorrentar aos seus partidos os organismos operários, tudo isso contribuiu para que estes organismos não se desenvolvessem como era mister, num país em que o proletariado precisa defender energeticamente os seus direitos à vida.*

## A GRAVURA

*A gravura que hoje publicamos deve-se ao desenho dum nosso amigo que sob o pseudónimo Quim ilustrou, com belos desenhos, alguns números do Hebdomadário de cultura O Globo. Os nossos agradecimentos pelo seu oferecimento.*

*Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —*

## «AURORA»

*encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso*

## A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

*recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária».*